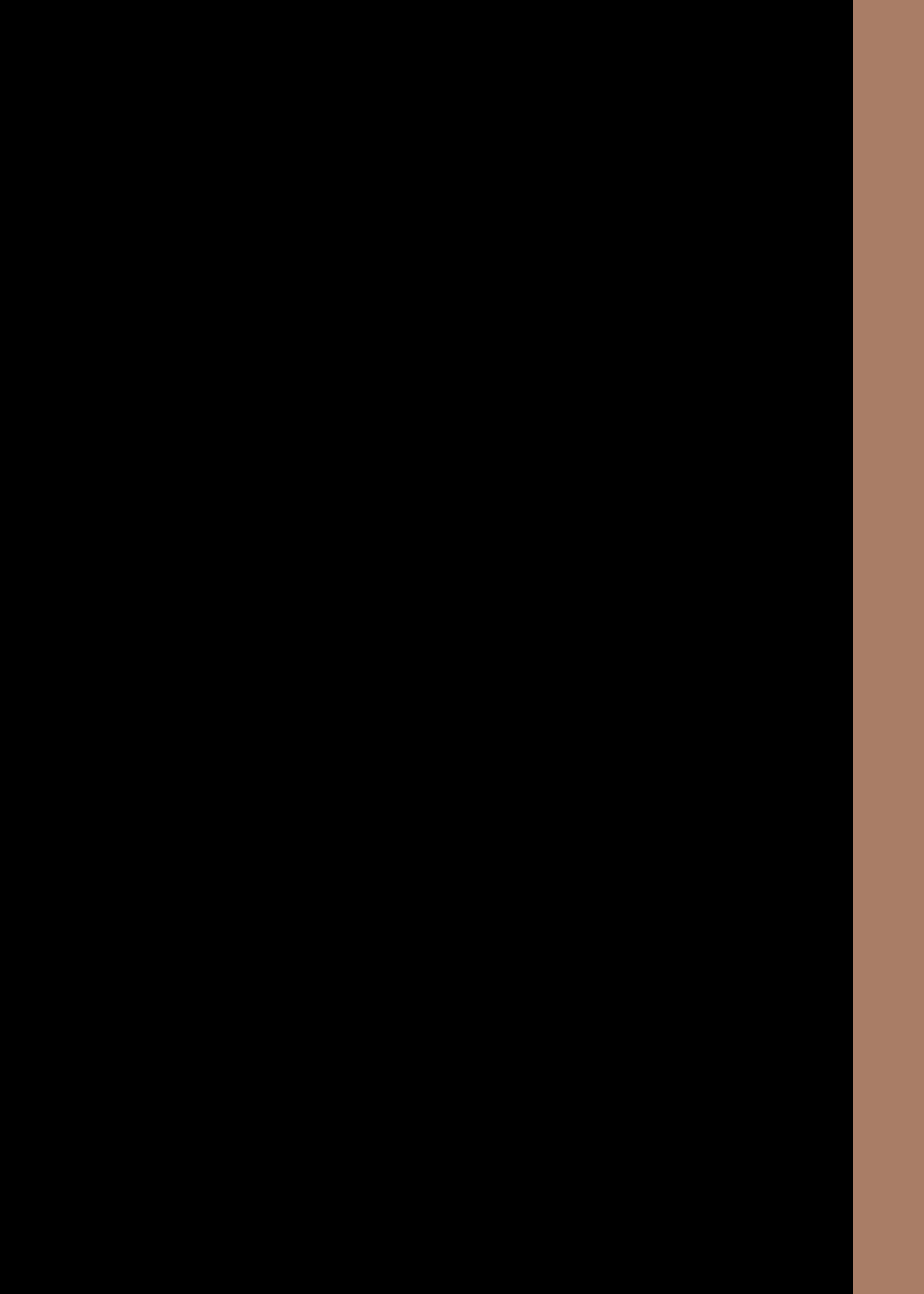


# Arte no Vale do Jequitinhonha











Arte no Vale do  
Jequitinhonha  
Coleção Priscila Freire



## Apresentação

É com muita satisfação que apresento esta seleção de peças de cerâmica, pertencentes ao Acervo Alberto e Priscila Freire, da Escola de Artes Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Somam-se ao todo cerca de 220 peças – muitas delas únicas –, que representam o universo mítico e fabuloso do Vale do Jequitinhonha, região tão rica culturalmente em expressões artísticas populares e, que, apesar disso, continua esquecida pelas políticas públicas e distante das prioridades governamentais.

Sobre a região do Jequitinhonha, importante se faz salientar que a forte expressividade presente nas cerâmicas e artefatos produzidos por seus moradores, em sua maioria mulheres ceramistas, revela duas características bastante peculiares: a primeira, uma narrativa cotidiana de suas vidas simples, tão bem retratada pelo poeta Fernando Brant: “como é miúda e quase sem vida, a vida do povo que mora no Vale”; a segunda, por meio de uma expressão sóbria, quase triste e contraditoriamente lúdica e fantasiosa, sendo primitiva como técnica e, às vezes, naïf como estilo.

Muitas vezes, percebo que as peças cerâmicas ali produzidas rebatem a indiferença pelo esquecimento e abandono no qual as pessoas vivem. Ao buscarem traduzir uma eterna esperança por dias melhores, os(as) ceramistas parecem criar adornos festivos destinados a receber o “Godot Salvador” que um dia virá. Todavia, nunca vem... Por isso mesmo essa estética distinta e própria se mantém e se retroalimenta sempre como tema original.

A cerâmica do Vale do Jequitinhonha é, portanto, a própria esperança materializada em “Marias Buçus”, Rostos, Máscaras, Noivas, Moringas e Jarros, entre diversos outros artefatos, onde o barro é o suporte principal por estar sempre “ali”, ao lado de casa.

Os motivos aqui retratados – e tantos outros – alimentam em mim grande estima por esta importante Coleção, doada pela Priscila Freire à UEMG. Tanto pelo viés estético e de valor perceptivo que ela me provoca, como pelo viés emocional, por ter nascido no Vale do Jequitinhonha, o que tudo isso representou para minha infância... particularmente quando acompanhava minha mãe ao mercado da minha cidade e observava, encantado, todo este universo lúdico e bufo como em um conto medieval descrito por Bakhtin.

Não tenho dúvidas de que esta peculiar estética tenha influenciado a minha maneira de ver e perceber os objetos enquanto *designer*. Hoje vejo nessas peças uma estreita relação entre a arte popular e a erudita, tão bem posta em pauta no Brasil por Ariano Suassuna.

Vejo, por exemplo, nas peças das ceramistas Juvência e Olinta, o Surrealismo de Dalí; nas de Ulisses, o primitivismo africano de Picasso; e, em Dona Isabel Mendes, a pureza expressiva e formal de Modigliani, mesmo sabendo da distância entre os mundos que aparentemente os separa.

A arte tem dessas coisas, a instigante capacidade de unir os extremos, separar o indivisível e provocar conexões antes tidas impensadas. A arte da Cerâmica do Vale do Jequitinhonha, presente neste catálogo, demonstra muito bem tudo isso e, de forma especial, a Coleção Alberto e Priscila Freire nos comprova essa máxima.

Dijon Moraes Júnior  
Reitor da UEMG

---

## *Introduction*

It is with great satisfaction that I present this selection of ceramic pieces, which belongs to the University of Minas Gerais State (UEMG) Guignard Arts School *Alberto and Priscila Freire Collection*. They amount to approximately 220 pieces – many of them being unique - , which represent the fabulous, mythical universe of the Vale do Jequitinhonha, a region so culturally rich in folkloric art and which, in spite of this, remains forgotten in public policies and distant from governmental priorities.

About the Jequitinhonha region, it is important to highlight that the strong expressiveness present in the ceramic pieces and artifacts manufactured by the locals, mostly women potters, reveal two very peculiar characteristics. The first, an account of their simple daily lives, so well portrayed by the poet Fernando Brant: “how tiny and almost lifeless, the lives of the people who live in the Vale”. The second, a sober expression, almost sad and, contradictorily, ludic and fantastical, primitive in aesthetics and sometimes *naïf* in style.

Many times, I notice that the ceramic pieces produced there reflect the indifference caused by the carelessness and neglect in which the people live. In trying to translate an eternal hope for better days, the potters seem to create festive embellishments that are destined to welcome “Godot”, the savior who will come someday. However, that day never comes... That is exactly why this unique, distinct aesthetics maintains itself and always feeds back on itself as the original theme.

The Jequitinhonha Valley Pottery, therefore, is hope itself materialized in Maria Buçus (women shaped crocks), Faces, Masks, Brides, Crocks, and Water-Coolers among various other artifacts, where clay is the main support for always being “there”, next door to home.

There is no doubt that this peculiar aesthetics has influenced my view of objects as a designer. Today I see in these pieces a fine relationship between popular and erudite art, so well put into discussion in Brazil by the writer Ariano Suassuna.

I see, for example, in works by potters Juvência or Olinta, the Surrealism of Dalí, in Ulisses’ pieces, the primitivism of Picasso, and in Mrs. Isabel Mendes’ work, Modigliani’s expressive and formal purity.

Art has this power, the instigative capacity to unite extremes, divide the indivisible and arouse connections never before imagined. The art of the Vale do Jequitinhonha Pottery, present in this catalogue, demonstrates all this very well and, in a special way, the *Alberto and Priscila Freire Collection* attest to this maxim.

Dijon Moraes Júnior  
UEMG Rector



## Presentación

Es con mucha satisfacción que presento esta selección de piezas de cerámica, pertenecientes al *Acervo Alberto y Priscila Freire*, de la *Escola de Artes Guignard* de la *Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)*. Súmanse un total de cerca de 220 piezas – de las cuales muchas son únicas –, que representan el universo mítico y fabuloso del *Vale do Jequitinhonha*<sup>1</sup>, región muy rica culturalmente en expresiones artísticas populares y que, sin embargo, sigue olvidada por las políticas públicas y lejos de las prioridades gubernamentales.

Acerca de la región del río Jequitinhonha, se hace importante resaltar que la fuerte expresividad presente en las cerámicas y artefactos producidos por sus habitantes, mujeres ceramistas en su mayoría, revela dos características bastante peculiares: la primera, una narrativa cotidiana de sus vidas sencillas, tan bien retratada por el poeta Fernando Brant: “que chiquita y casi sin vida, es la vida del pueblo que vive en el Valle”; la segunda, por medio de una expresión tímida, casi triste y contradictoriamente lúdica y fantasiosa, siendo primitiva como técnica, y, a veces, ingenua como estilo.

En muchas ocasiones, percibo que las piezas cerámicas que allá son producidas refutan la indiferencia por el olvido y desamparo en el viven las personas. Al buscar traducir una eterna esperanza por mejores días, los y las ceramistas parecen crear adornos festivos destinados a recibir el “Godot Salvador” que algún día vendrá. Aún así, nunca viene... Exactamente por eso esa estética distinta y propia se mantiene y se retroalimenta siempre como tema original.

La cerámica del *Vale do Jequitinhonha* es, por lo tanto, la propia esperanza materializada en “*Marias Buçus*”, Rostros, Mascarillas, Novias, Cántaros y Jarros, entre diversos otros artefactos, donde el barro es el principal material por estar siempre “allí”, al lado de casa.

Los motivos aquí retratados – y muchos otros – alimentan en mí una gran estima por esta importante Colección, donada por Priscila Freire a la UEMG. Sea por el enfoque estético y de valor perceptivo que ella me provoca, sea por el enfoque emocional, ya que nací en el *Vale do Jequitinhonha*, todo lo que eso representó para mi niñez... de forma particular cuando acompañaba yo a mi madre al mercado de mi ciudad y observaba, encantado, todo este universo lúdico y burlesco como en un cuento medieval descrito por Bakhtin.

No me cabe dudas de que esta peculiar estética tenga influenciado a mi manera de ver y percibir los objetos como *designer*. Hoy veo en estas piezas una estrecha relación entre el arte popular y el erudito, tan bien puesta en pauta en Brasil por Ariano Suassuna.

Veo, por ejemplo, en las piezas de las ceramistas Juvência y Olinta, el Surrealismo de Dalí; en las de Ulisses, el primitivismo africano de Picasso; y, en Dona Isabel Mendes, la expresiva y formal pureza de Modigliani, aún sabiendo de la distancia que hay entre los mundos que aparentemente los separan.

El arte tiene esas cosas, la instigadora capacidad de juntar los extremos, separar lo indivisible y provocar conexiones antes consideradas inimaginables. El arte de la Cerámica del *Vale do Jequitinhonha*, presente en este catálogo, demuestra muy bien todo eso y, de forma especial, la *Colección Alberto y Priscila Freire* nos comprueba esa máxima.

Dijon Moraes Júnior  
Rector de la UEMG

<sup>1</sup> Valle del (río) Jequitinhonha



Se a cultura é um processo de respostas simbólicas a determinadas circunstâncias, suas formas, inevitavelmente, mudarão ao se defrontarem com as exigências de novas situações. Essa produção artística não estará congelada, mas observará, com certeza, um ciclo de mutação.

(Tício Escobar, 1996)

## O Vale

Uma região habitada por índios Maxacali às margens de um rio largo e cheio de peixes: o Jequitinhonha.

A cobiça remexeu o cascalho do fundo das águas e arrancou de lá diamantes, ouro e pedras coradas. Quando a procura pelos minerais se esgotou, restaram os nomes coroando os municípios: Diamantina, Pedra Azul, Berilo, Turmalina, Minas Novas... E ainda outros lembrando tempos mais remotos, Itinga, Araçuaí, Janaúba... Mudanças climáticas se sucederam, trazendo um rastro de secas prolongadas com raros intervalos de chuvas quando então o verde milagrosamente coloria os campos.

## O Barro

Composta de caulim, feldspato, cianita, é essa argila que ergue casas, pinta muros, constrói os fornos, faz as panelas para a comida e os potes para a água. É ela que vai promover um novo tempo, calçado ainda nas técnicas ancestrais das índias, cujo manuseio vai sendo passado de geração em geração pelas mulheres. São elas que escolhem o barro, que constroem o próprio forno para queimar as peças, que usam a água do barro como tinta, a tabatinga e o tauá. São elas também que mantêm um ritual de feitura recorrendo ao mito da criação do chamo-te. A liga que vai dar forma ao objeto desejado.

Na realidade, o que importa é usufruir do poder poético que a arte do Jequitinhonha oferece. Costumo pensar que a obra me atrai não só por seu valor estético, por um conceito, por uma explicação bem embasada. A obra de arte seduz pela força que emana. O gesto da mão domando a matéria soca o pilão, sua força foi cristalizada, mas ela executa um trabalho doméstico que ficou gravado para sempre na obra de um artista anônimo.

Aquela ali dá comida a seu papagaio, que talvez pronuncie seu nome, quando ela toma seu café. Noemisa conta a história de sua vida em cenas teatrais eternizadas por suas mãos. É o dia a dia de seus vizinhos, de sua família, as rezas, as festas, a igreja. Assim me detenho perscrutando a vida de cada um e as alegrias que chegam com rituais familiares que quebram as rotinas domésticas.

Donde vem a imaginação daquele que vai buscar, no centauro, essa figura mitológica de dorso e braços de homem e garupa e pernas de cavalo para criar o seu “homem cavalo”? E as “mulheres cachorro”? Da mitologia grega, aquele ser fantástico com corpo, garras e cauda de leão, e cabeça de mulher, que propunha enigmas aos viajantes? As esfinges egípcias serviriam ao modelo Jequitinhonha?

Outra conexão com o fantástico é a mulher copulando com um sapo. Quem não conhece a velha história da princesa que perdeu sua bola de ouro num charco, dele surgindo um sapo que promete devolver o brinquedo, mas condiciona essa devolução? A princesa deve levá-lo para o castelo, colocá-lo ao lado de seu prato à mesa e também o acolhe em sua cama ao dormir. É então que, ao acordar, se surpreende com um belo príncipe ao seu lado.

As cerâmicas de Ulisses lembram temores e monstros ancestrais que chegaram ao ocidente provenientes de todas as partes do mundo conhecido, atingindo o século XIII, em caprichosas pinturas às margens das páginas dos manuscritos, decorando capítulos, com a atmosfera de maravilhosa irrealidade. Era todo um universo alucinatório, patético e engraçado, popular, sobrenatural e, ao mesmo tempo, saturado de um realismo que se propagou nos espíritos, na admiração e no medo. Com o advento do Classicismo Italiano, foram eliminados os vestígios da imaginária monstruosa e fantasmagórica que se debateu com os argumentos racionais do Renascimento.

Criaturas híbridas seriam cruzamentos de homens com animais. Com o tempo, esses monstros acabaram como símbolos emblemáticos, entrando para o mundo das artes. Eis o resgate dos tenebrosos tempos em que monstros habitavam os mares e enfeitavam os portais das igrejas, e mesmo os altares, para afastar deles os demônios dos maus pensamentos. É Ulisses trazendo de volta a mitologia feérica dos monstrinhos.

Isabel mantém, em suas esculturas, heráldicas mulheres, dignas figuras femininas realizadas numa simbiose de rainhas e santas que, com a cumplicidade do barro, fogem ao barroco, traduzindo toda uma linguagem contemporânea.

A ciência e a arte pertencem ao universo da especulação e trazem em sua leitura a possibilidade de complementar a vida humana. Enquanto a ciência trata do conhecimento da natureza das coisas, a arte enobrece o espírito quando dirige a mão do artista na manipulação da matéria.

Priscila Freire  
Colecionadora



If culture is a process of symbolic responses to determined circumstances, its expressions will inevitably change faced with the demands of new situations. This artistic production is not frozen, but will observe, for sure, a mutation cycle.

(Tício Escobar, 1996)

## *The Valley*

An area inhabited by the Native Brazilian Maxacali people on the bank of a wide river full of fish: the Jequitinhonha.

Greed revolved the gravel from the bottom of the waters and extracted diamonds, gold and colored stones. When the search for minerals was exhausted, all that was left were the names crowning the cities: Diamantina (Diamantine), Pedra Azul (Blue Stone), Berilo (Beryl), Turmalina (Tourmaline), Minas Novas (New Mines)... In addition, other names reminding of more remote times: Itinga, Araçuaí, Janaúba (Native Brazilian words)... Climatic changes succeeded one another dragging in lasting droughts with rare intervals of rain when the green miraculously colored the fields.

## *The Clay*

Composed of calcium, feldspar, and kyanite, this clay builds houses, paints walls, constructs ovens, makes pots for cooking and crocks for water. It is the clay that will promote a new era, still based on the ancestral native people's techniques, passed on from generation to generation by the women. It is they who select the clay, who build their own ovens to burn the pieces, who use the clay water as paint, *tabatinga* (white clay), and *tauá* (red clay tinted by iron oxide). In addition, the women maintain a manufacturing ritual resorting to the myth of how Grog clay was created. The admixture that will shape the desired object.

In truth, what matters is to be able to enjoy the poetic power that the art from Jequitinhonha offers. I like to think that the work attracts me for not only its aesthetic value, its concept, or a well-supported explanation. The work of art attracts by the power it emanates. The hand gesture dominating matter pounds the pestle, its force was crystalized, but it executes a domestic chore that remains engraved forever in the work of an anonymous artist.

This local woman feeds her parrot, who might know how to pronounce her name, while she has her coffee. Noemisa tells the story of her life in theatrical scenes eternalized by her hands. They are her neighbors' daily lives, her family's, the prayers, the festivals, and the church. Therefore, I catch myself peering into the lives of each one and into the joy that comes with family rituals that break the homemaking routine.

Where does the imagination come from of the one who seeks in the centaur, this mythological creature that has a man's trunk and arms, but the rump and legs of a horse, inspiration to create his "Horse Man"? And what about the "Dog Women"? From Greek mythology that fantastical creature with the body, claws and tail of a lion and a woman's head who proposed enigmas to travelers? Would the Egyptian sphinx serve as a model to Jequitinhonha?

Another fantastical cognizance is the woman copulating with a frog. Who has never heard the old story of the princess who lost her gold ball in a marsh from which appeared a frog who promises to recover her toy, but imposes a condition to this favor? The princess must take him to the castle, sit him beside her at the





dinner table and invite him to her bed to sleep. That is when, upon awakening, she is surprised by a handsome looking prince beside her.

Ulysses' pottery reminds me of fears and ancestral monsters that arrived in the west coming from all parts of the known world, reaching the 13th century in whimsical paintings on the manuscripts page margins decorating chapters, with a wonderful surreal atmosphere. It was a hallucinating universe, pathetic and amusing, popular, supernatural and, at the same time, saturated with a realism that spread in the spirits, in admiration and in fear. With the coming of the Italian classicism, traces of the monstrous and ghostly imagery were eliminated confronted by the rational arguments of the renaissance.

Hybrid creatures would be the breed of humans with animals. With time, these monsters ended up as emblematic symbols penetrating the world of arts. Here is the revival of the sinister times in which monsters inhabited the seas and adorned the doors of churches and even the altars, in order to keep the demons of evil thoughts away. Ulysses brings back the monsters' fairylike mythology.

Isabel maintains in her sculptures heraldic women, dignifying feminine figures realized in a symbiosis between queens and saints who, with the complicity of the clay, escape the baroque, translating into a contemporary language.

Science and art belong to the same universe of speculation and bring in their reading the possibility to complement the human life. While science deals with the knowledge of the nature of things, art ennobles the spirit when it drives the artists hand in the handling of matter.

Priscila Freire  
Collector

---

Si la cultura es un proceso de respuestas simbólicas a determinadas circunstancias, sus formas, inevitablemente, cambiarán al hacer frente a las exigencias de nuevas situaciones. Esa producción artística no estará congelada, pero observará, seguramente, a un ciclo de mutación.

(Ticio Escobar, 1996)

## *El Valle*

Una región habitada por indios Maxacali a las orillas de un río ancho y lleno de peces: el Jequitinhonha<sup>1</sup>.

La codicia revolvió el cascajo del fondo de las aguas y sacó de allí diamantes, oro y piedras rojizas. Cuando la búsqueda por los minerales se agotó, quedaron los nombres coronando los municipios: Diamantina, Pedra Azul, Berilo, Turmalina, Minas Novas... Y aun otros recordando tiempos mas remotos, Itinga, Araçuaí, Janaúba... Cambios climáticos ocurrieron, trayendo un rastro de sequillas prolongadas con raros intervalos de lluvias cuando entonces el verde milagrosamente teñía los campos.

## *El barro*

Compuesta por caolín, feldespato, cianita, es esa arcilla que erige casas, pinta muros, construye los hornos, hace las ollas para la comida y los potes para el agua. Es ella que va a arrancar un nuevo tiempo, basado todavía en las técnicas ancestrales de las indias, cuyo oficio

---

<sup>1</sup> Al noreste del estado de Minas Gerais.

sigue siendo pasado de generación en generación por las mujeres. Son ellas quienes escogen el barro, quienes construyen el propio horno para quemar las piezas, quienes usan el agua del barro como tinta, la *tabatinga* y el *tauá*<sup>2</sup>. Son ellas también quienes mantienen un ritual de hechura recurriendo al mito de la creación del chamote. El ligue que dará forma a los objetos deseados.

La verdad, lo que importa es disfrutar el poder poético que el arte del Jequitinhonha ofrece. Suelo yo pensar que la obra me atrae no solo por su valor estético, por un concepto, por una explicación bien fundada. La obra de arte seduce por la fuerza que emana. El gesto de la mano domando la materia apisona el mortero, su fuerza fue cristalizada, pero ella ejecuta un trabajo domestico que quedó grabado por siempre en la obra de un artista anónimo.

Aquella le da comida a su perico, que quizá pronuncie su nombre, cuando ella toma su café. Noemisa cuenta la historia de su vida con escenas teatrales eternizadas por sus manos. Es el cotidiano de sus vecinos, de su familia, los rezos, las fiestas, la iglesia. De esa forma me detengo a escudriñar la vida de cada uno y las alegrías que llegan con rituales familiares que rompen las rutinas domesticas.

¿De donde viene la imaginación de aquél que busca, en el centauro, esa figura mitológica de dorso y brazos de hombre y grupa y piernas de caballo para crear su "hombre caballo"? ¿Y las "mujeres perro"? ¿De la mitología griega, aquel ser fantástico con cuerpo, garras y cola de león, y cabeza de mujer, que proponía enigmas a los viajeros? ¿Las esfinges egipcias sirvieron al modelo Jequitinhonha?

Otra conexión con lo fantástico es la mujer copulando con un sapo. ¿Quién no conoce la vieja historia de la princesa que perdió su pelota de oro en un pantano, de donde surgió un sapo que le promete devolver el juguete, pero condiciona esa devolución? La princesa debe llevarlo al castillo, ponerlo a un lado de su plato en la mesa y también acorrerlo a dormir en su cama. Entonces, al despertar, se sorprende con un bello príncipe a su lado.

Las cerámicas de Ulises recuerdan miedos y monstruos ancestrales que llegaron al occidente provenientes de todas las partes del mundo conocido, alcanzando el siglo XIII, con caprichosas pinturas a las márgenes de las paginas de los manuscritos, adornando capítulos, con la atmosfera de maravillosa realidad. Era todo un universo alucinatorio, patético y gracioso, popular, sobrenatural y, a la vez, saturado de un realismo que se propagó en los espíritus, en la admiración y en el miedo. Con el advenio del Clasicismo italiano, fueron borrados los vestigios de la imaginaria monstruosa y fantasmagórica que se debatía con los argumentos racionales del Renacimiento.

Creaturas híbridas serian el cruce entre hombres y animales. Con el tiempo, esos monstruos se volvieron símbolos emblemáticos, entrando al mundo de las artes. Esto es el rescate de los tenebrosos tiempos en que monstruos habitaban los mares y adornaban los portales de las iglesias, y hasta los altares, para alejar de ellos los demonios de los malos pensamientos. Es Ulises trayendo de vuelta la mitología feérica de los monstruitos.

Isabel mantiene, en sus esculturas, heráldicas mujeres, dignas figuras femeninas realizadas en una simbiosis de reinas y santas que, con la complicidad del barro, huyen del barroco, traduciendo todo un lenguaje contemporáneo.

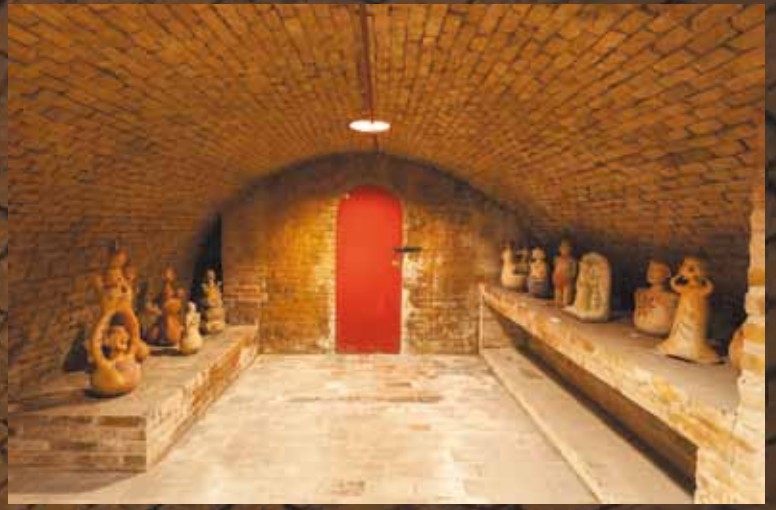
La ciencia y el arte pertenecen al universo de la especulación y traen en su lectura la posibilidad de complementar la vida humana. Mientras la ciencia trata del conocimiento de la naturaleza de las cosas, el arte ennoblece el espíritu cuando dirige la mano del artista en el manejo de la materia.

Priscila Freire  
Coleccionadora

<sup>2</sup> *Tabatinga* y *tauá* son palabras del idioma tupi utilizadas para nombrar tipos específicos de arcillas.









Noemisa Batista Santos  
*Moça com jarros* [Young woman with pitchers], 1976 - Carajá  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 22 x 18 x 8 cm





---

Noemisa Batista Santos  
*Noiva* [Bride], 1976 - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic]  
22 x 13 x 8 cm

Noemisa Batista Santos  
*Casamento* [Wedding], 1976 - Carai  
Cerámica policromada [Polychrome ceramic]  
28 x 17 x 22 cm



Noemisa Batista Santos  
*Festa de bodas* [Wedding feast], 1976 - Carai  
Cerámica policromada [Polychrome ceramic]  
21 x 13 x 19 cm





Noemisa Batista Santos  
*Filhos* [Children], 1976 - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic]  
19 x 13,5 x 5 cm



Noemisa Batista Santos  
*Casa* [House], 1976 - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic]  
27 x 28 x 22cm



---

Maria Assunção Ribeiro  
*Quilombolas* [Maroons], 1976 - Taiobeiras  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic],  
dimensões variadas [Various sizes] < 17cm











---

Autor desconhecido [Unknown author]

*Mulher com papagaio* [Woman with parrot], déc. 1970 - Vale do Jequitinhonha  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 64 x 58 x 24 cm



---

Ana Fernandes  
*Maria Buçu* [Woman clay jug], déc. 1970 - Riacho dos Machados  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 42,5 x 20 x 20 cm



---

Maurina Pereira dos Santos (Teca)  
*Mulher com pilão* [Woman with pestle], Santana do Araçuaí / Ponto dos Volantes  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 58 x 27 x 21 cm



Dona Isabel (Isabel Mendes da Cunha)  
Casa/sentado [Couple sitting] - Santana do Araçuaí / Ponto dos Volantes  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 52 x 36 x 30 cm



Dona Isabel (Isabel Mendes da Cunha)  
*Boneca (Doll) - Santana do Araguaí / Ponto dos Volantes*  
Cerâmica policromada (Polychrome ceramic), 74 x 26 x 21 cm





Dona Isabel (Isabel Mendes da Cunha)  
*Cabeça de boneca* [Doll head]  
Santana do Araçuaí / Ponto dos Volantes  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic],  
23 x 13 x 16 cm

---

Mundinha (Raimunda Almeida Martins)  
*Árvore* [Tree], 1976 - Itamarandiba  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic],  
39 x 42 x 17 cm







---

Vitalina  
*Roda* [Circle], 1976 - Turmalina, MG  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 20 x 19 cm

---

Autor desconhecido  
*Quadrilha* [Square Dance], déc. de 1970 - Vale do Jequitinhonha  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 17 x 19 cm





Ana do Baú (Ana Fernandes de Souza)  
*Bilha Boneca* [Doll clay jug], 1976 - Minas Novas, MG  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 28 x 15 cm



---

Ana do Baú (Ana Fernandes de Souza)  
*Jarro e bacia* [Pitcher and bowl], 1976 - Minas Novas  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic],  
19 x 17 x 15 cm (jarro), 11 x 30 cm (bacia)



---

Ana do Baú (Ana Fernandes de Souza)  
*Galo* [Cock], 1976 - Minas Novas  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 23 x 9 x 15 cm



---

Ana do Baú (Ana Fernandes de Souza)  
*Bilha tripé* [Tripod clay jug], 1976 - Minas Novas  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic],  
26 x 23 x 26 cm





---

Ana Rodrigues Santos  
*Jarro de animal* [Animal jug] - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 32 x 14 x 12 cm



---

Olinta Teixeira Santos (Dida)  
*Jarro de animal* [Animal jug] - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 30 x 16 x 22 cm

---

Olinta Teixeira Santos (Dida)  
*Jarro de animal* [Animal jug] - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 33 x 23 x 18 cm





---

Domingos Dias Martins  
*Cofre mulher-galinha* [Woman-chicken coin safe], 1977 - Turmalina  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 30 x 20 x 29 cm



---

Ulisses Pereira Chaves  
*Cofre cavalo* [Horse coin safe], déc. 1970 - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 30 x 20 x 29 cm



Domingos Dias Martins  
*Cofre cabeça com ave* (Head with bird coin safe), 1977 - Turmalina  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 35 x 20 x 19 cm





---

Autor desconhecido [Unknown author]  
*Cabeça cofre* [Head coin safe], déc. 1970 - Santana  
do Araçuaí / Ponto dos Volantes  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 18 x 18 x 18 cm



---

Juvênia Costa Xavier  
*Cachorro de duas cabeças* [Two-headed dog], 1977 - Turmalina  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 15 x 8 x 40 cm

---

Juvênia Costa Xavier  
*Mulher com sapo* [Woman with frog], 1977 - Turmalina  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 17 x 9 x 24 cm





---

Olinta Teixeira dos Santos  
*Mulher cachorro* [Woman-dog], 1977 - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic],  
23 x 12 x 23 cm

---

Olinta Teixeira dos Santos  
*Centauro* [Centaur], 1977 - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic],  
25 x 11 x 12 cm







---

Ulisses Pereira Chaves  
*Sapo e cabeça* [Frog and head], 1976 - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic],  
17 x 8 x 15 cm



---

Ulisses Pereira Chaves  
*Lagarto e cabeça* [Lizard and head], 1976 - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic],  
25 x 13 x 20 cm



Ulisses Pereira Chaves  
*Tripé* (Tripod), 1976 - Carajá  
Cerâmica policromada (Polychrome ceramic), 63 x 32 x 33 cm



Ulisses Pereira Chaves  
Sem título [Untitled], déc. 1970 - Carai  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 42 x 12 x 24 cm



Ulisses Pereira Chaves  
Sem título [Untitled], 1983 - Carajá  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 93 x 28 x 16 cm



Autor desconhecido [Unknown author]  
Sem título [Untitled], dec. 1970 - Vale do Jequitinhonha  
Cerâmica policromada [Polychromed ceramic], 50 x 25 x 16 cm



Autor desconhecido [Unknown author]  
Sem título [Untitled], dec. 1970 - Vale do Jequitinhonha  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 42 x 30 x 22 cm





Autor desconhecido [Unknown author]  
Sem título [Untitled], déc. 1970 - Vale do Jequitinhonha  
Cerâmica policromada [Polychrome ceramic], 51 x 25 x 19 cm

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Reitor/Rector: Dijon Moraes Júnior

Vice-reitor/Vice-rector: José Eustáquio de Brito

Chefe de Gabinete/Cabinet Chief: Eduardo Andrade Santa Cecília

Pró-reitor de Planejamento, Gestão e Finança

/Pro-rector of Planning, Management and Finances: Adailton Vieira Pereira

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

/Pro-rector of Research and Post Graduation: Terezinha Abreu Gontijo

Pró-reitora de Ensino/Pro-rector of Teaching: Cristiane Silva França

Pró-reitora de Extensão/Pro-rector of Extension: Giselle Hissa Safar

Diretor Geral do Campus Belo Horizonte

/Belo Horizonte Campus Director: Roberto Werneck

Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais - EdUEMG:

Daniele Alves Ribeiro (coord.)

A786 Arte no Vale do Jequitinhonha / organizador: Paulo Schmidt ;  
Fotografia: Daniel Mansur. -- Belo Horizonte : EdUEMG, 2016.  
48 p. : il. -- (Coleção Priscila Freire)

ISBN

1. Arte. 2. Artesanato. 3. Vale do Jequitinhonha. I. Schmidt,  
Paulo. II. Mansur, Daniel. III. Título.

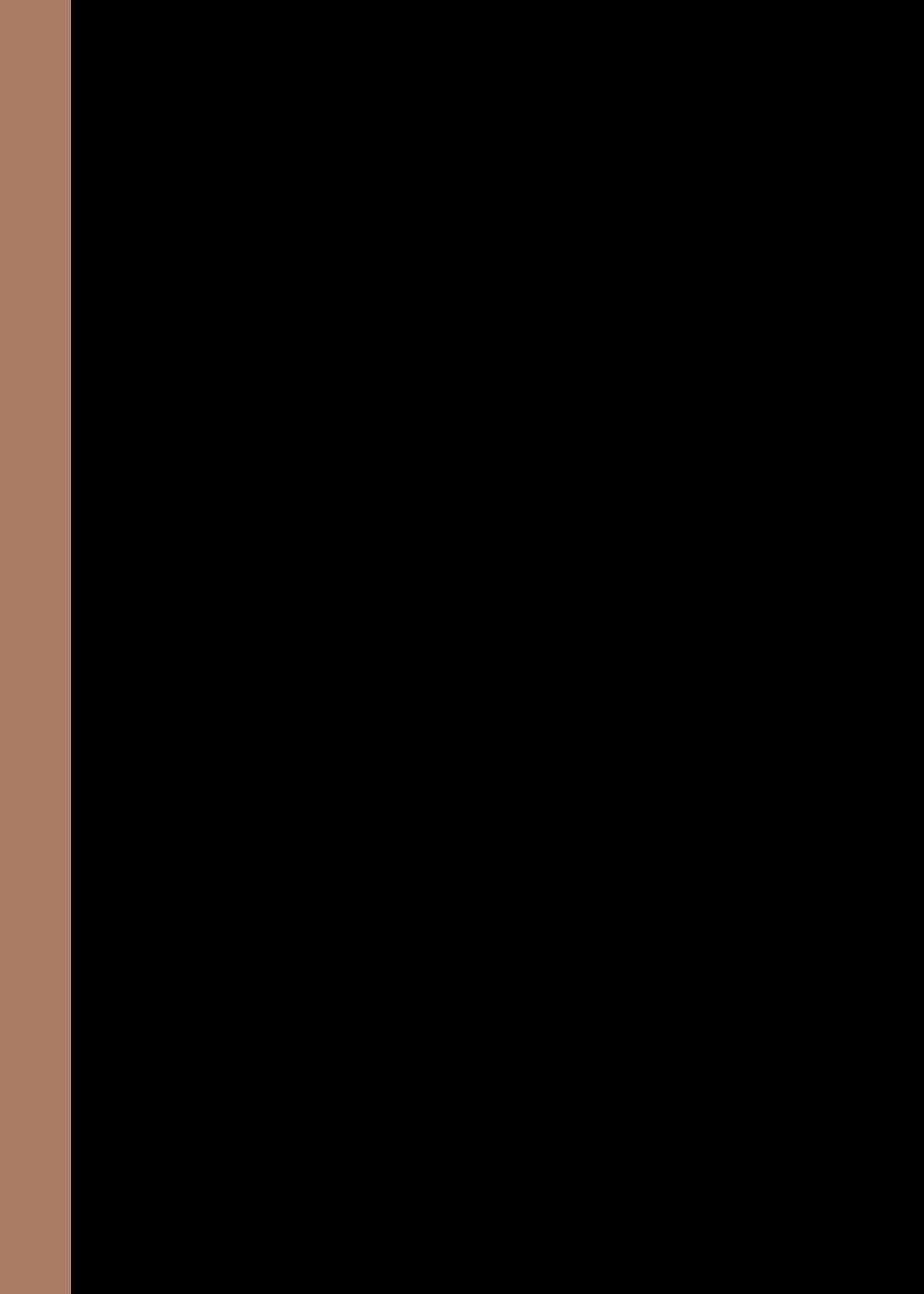
CDU – 738(815.1)

Esta edição se baseia na documentação da mostra  
“Arte no Vale do Jequitinhonha – Coleção Priscila Freire”,  
realizada no período de 20 de junho a 29 de setembro, de 2013,  
no Centro de Arte Popular-Cemig, através da Lei de Incentivo à Cultura.

## Arte no Vale do Jequitinhonha

Design gráfico [Graphic design] *Paulo Schmidt*  
Fotografia [Photography] *Daniel Mansur*  
Revisão de texto [Revision] *Lourdes Nascimento*  
Traduções [Translations] *Alexis Azevedo (Espanhol)*  
*Michelle Rothman (Inglês)*

Agradecimentos: *Daniel Mansur*  
*Tadeu Bandeira*  
*Centro de Arte Popular-Cemig*  
*Secretaria de Estado de Cultura*  
*de Minas Gerais*





**UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DE MINAS GERAIS**



**FADECIT.**  
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO  
DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
MINAS GERAIS

